

Pepetela (2008).
O Quase Fim do Mundo.
Lisboa: Edições Dom Quixote.

«Chamo-me Simba Ukolo, sou africano, e sobrevivi ao fim do mundo. Se o fim do mundo quer dizer o aniquilamento absoluto da humanidade, haverá algum exagero na afirmação, pois escapou alguém, eu (...)». É assim que se inicia *O Quase Fim do Mundo*, romance do angolano Pepetela, que vem tentar responder à questão: «E se de repente acabasse o mundo?». A resposta ficcional a esta pergunta é cheia de criatividade e de surpresas, a começar pela existência de um fim do mundo incompleto, pois ao longo da narrativa vamos percebendo que sobraram vários vestígios de vida vegetal ou animal.

Desengane-se, por isso, o leitor que pense que apenas o médico Simba Ukolo subsistiu. Ao longo da narrativa, para além de outros figurantes que sobrevivem, ou seja, grupos no meio da floresta, avistados de avião, e de Rex, o cão, vão-nos sendo apresentadas outras personagens, tais como o ladrão Joseph Kiboro; o pescador – única personagem identificada apenas pela sua profissão, o que reduz a sua importância na trama narrativa –; Joe, o maluco – que funciona apenas como figurante –; Jan Dippenaar, o bóer branco; Nkunda, a criança, sobrinho de Simba Ukolo; Riek, o feiticeiro, e Julius Kwenda, o mecânico/electricista. O sexo feminino é representado por: Dona Geny, a doméstica, devota da ordem Paladinos da Coroa Sagrada, ironicamente a ordem que esteve na origem deste «quase fim do mundo», que apenas encontra apoio no pescador; Jude, a adolescente provocadora, que seduz o médico; Janet, a americana branca que se encontra em África a estudar um grupo de gorilas e que se envolverá romanticamente com Julius; Ísis, a recém-licenciada em História que engravidará de Riek, frustrando, assim, as expectativas amorosas de Simba Ukolo.

Estas onze personagens, vindas da região em torno de Calpe, vão-se agrupando nesta capital. Calpe, enquanto espaço simbólico da cidade ideal, o da redenção, aparece neste livro, mais uma vez, como um dos *Leitmotive* pepetelianos, depois de *Muana Puó*;

O Cão e os Caluandas (como espaço antetextual) e *A Parábola do Cágado Velho*. Em *O Quase Fim do Mundo* parece fechar-se um ciclo e fica finalmente explicada a simbologia de Calpe que nos restantes livros deste autor não ganhava a relevância que aqui adquire. Calpe é o epicentro da esperança de futuro, é a terra da sobrevivência e do recomeço da Humanidade.

A acção é maioritariamente localizada na África central, sem que sejam dadas coordenadas mais precisas do que a localização de Calpe: «se estabelecermos um triângulo entre a nascente do Nilo, a qual por vezes ainda é discutida, a do Congo e a do Zambeze, vemos que Calpe fica mais ou menos a meio do triângulo» (Pepetela, 2008: 54-55).

Inicialmente, dá-se a incompreensão em relação à situação vivida, pois cada um dos sobreviventes encontra-se sozinho. Tendo assistido à volatilização de várias formas de vida, só mais tarde procuram outros sobreviventes, começando a cogitar e a estabelecer relações que possam decifrar «a coisa» (ibid.: 116). Ou seja, a explicação para o facto de terem sido eles e não outros habitantes daquele espaço africano a sobreviver baseia-se numa ironia histórica de preconceitos: «uma pequena parte da vida escapou em África porque, como sempre, ela foi menosprezada, pouco digna de ser levada a sério e pouparam aí nas armas» (ibid.: 373).

Na última parte, as personagens (à excepção de Dona Geny, o pescador e Riek) deslocam-se à Europa de avião e, num estilo quase de romance policial, tentam, depois de Roma, do Vaticano e de Paris, encontrar outros vestígios de vida, bem como a resposta para o que realmente acontecera. De pista em pista, descobrem o mistério em Berlim num manuscrito deixado nas Portas de Bradenburgo por um dos inventores do «Feixe Gama Alfa». A explicação encontrada deixa o grupo de sobreviventes boquiabertos. Graças a armas de destruição em massa, a Igreja dos Paladinos da Coroa Sagrada colocou em marcha o plano de «redenção da raça branca», no intuito de livrar a Terra dos «cromossomas da ignomínia, do vício, da preguiça e da estupidez» (ibid.: 341), ou seja, de todos os que não fossem «brancos puros» (ibid.: 340). Porém, a ironia é suprema, pois os dez mil brancos puros que se abrigaram numa gruta dos Alpes austríacos, pensando que ficariam protegidos pelo amianto, juntamente com os exemplares de outras espécies animais, qual arca de Noé, são igualmente eliminados. A protecção do amianto revelara-se insuficiente. Resta, pois, saber por que motivo houve apenas alguns sobreviventes, os que não estariam em contacto com superfícies metálicas, numa zona do globo. A justificação destaca o menosprezo pela África, espaço de «povos arcaicos e selvagens» (ibid.: 341). A motivação para o «quase» fim do mundo é, assim, de ordem rácica, na tentativa de reconstrução de uma Humanidade melhor, de um «Homem Novo» (ibid.: 347), livre de multiculturalismo. O discurso do manuscrito (ibid.: 340-347) encontra-se pleno de léxico do campo do racismo, na exaltação de uma raça superior, a branca, desde que pura. No entanto, são precisamente os negros que

sobrevivem, juntamente com um branco e uma branca, o que contribuirá também para a revalidação mestiça na continuação da Humanidade.

Este é um romance em que a ironia desconstrói a imagem de uma redenção do ser humano através do dia do «juízo final», como que a acentuar a ideia de que as imperfeições são parte imutável do mundo, desconstruindo-se a ideia de «limpeza» que o fim do mundo poderia trazer. Afinal os que sobreviveram são plenos de defeitos e evidenciam os sete pecados mortais: a gula; a luxúria; a ganância; a preguiça; a vaidade; a inveja e, por vezes, a ira. Um dos exemplos é a importância que as personagens dão ao dinheiro. Simba Ukolo, por exemplo, uma das primeiras acções que pratica é recolher uma *kalashnikov* e uma pistola *makarov*, do posto da esquadra abandonada, bem como muito dinheiro de bancos desprotegidos. O médico, no entanto, será o elemento do grupo que se mostrará mais preocupado na continuação da espécie humana e em encontrar formas de vida sobrevivente.

As tensões entre grupos étnicos presentes no velho mundo continuam a manifestar-se e, apesar de rapidamente serem resolvidas, este é mais um aspecto que não deixa ilusões ao leitor: o novo mundo afinal não é mais do que a continuação do velho.

O estilo pouco contido deste romance aproxima-se, em parte, ao de *Predadores*. Em *O Quase Fim do Mundo*, os narradores vão oscilando, sendo dada primazia ao narrador heterodiegético e onisciente. A acção narrativa arrasta-se, a ponto de perguntarmos, ao contrário do que defende o autor, se o romance não ganharia com maior concisão. A narrativa termina, em parte de forma não conclusiva: as personagens regressam a Calpe, ficando para trás Ísis grávida, em Paris, e deixando no ar questões: voltarão os amigos a reunir-se? Como se reconstruirá a nova Humanidade, agora que os alimentos acondicionados vão perecendo, que a energia eléctrica vai faltando, e, sobretudo, que há tão poucos sobreviventes?

Lola Geraldés Xavier